

O LEGADO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Desfrute da guerra, a paz será muito mais dura!

Ditado popular na Alemanha durante
a Segunda Guerra Mundial

Poucos acontecimentos terão marcado a história da Europa e do mundo como a Segunda Guerra Mundial. Foi o conflito bélico mais longo, mais destrutivo, mais tecnológico e mais cruel. Epítetos para o definir não faltam, quiçá porque teve muito mais que ver com a configuração do mundo atual do que pensamos. Qualquer leitor interessado encontra uma ampla bibliografia sobre os mais variados aspetos de um conflito que não só alterou fronteiras, governos e áreas de influência, como também mudou a forma de entender a política, a economia ou as relações internacionais e propiciou o recurso definitivo à tecnologia. Modificou ainda, ou talvez sobretudo, os valores sociais, as prioridades, os limites da violência e, de uma maneira geral, a nossa visão do mundo.

As sociedades atuais devem à Segunda Guerra Mundial muito mais do que a qualquer outro acontecimento histórico recente. Sem o presente relato não se podem explicar a Guerra Fria, a posterior queda dos regimes comunistas da Europa de Leste, a supremacia dos Estados Unidos ou o progresso de países como a China ou o Japão nas últimas décadas. Tampouco se conseguem entender em toda a sua extensão a evolução e o auge da democracia e dos direitos humanos no Ocidente, nem a criação dos Estados sociais. Os europeus nascidos depois da guerra, deste lado da Cortina de Ferro, diziam orgulhosamente pertencer ao «mundo livre» depois

de terem ganhado a batalha contra o mal absoluto encarnado pelos povos derrotados. Mais de 70 anos depois do fim da contenda, historiadores e entusiastas de todo o mundo, fascinados pelo relato de uma das maiores guerras travadas pela humanidade, contribuíram para esta narrativa com matizes, dúvidas e advertências.

Mas há algo que não oferece dúvidas; a nossa sociedade não seria o que é se não tivesse vivido a Segunda Guerra Mundial. No octogésimo aniversário do início do segundo grande conflito armado do século xx, talvez não seja demais recordar alguns dos principais aspetos relacionados com os factos bélicos que mais influência tiveram na vida atual. Este volume aprofunda certos elementos essenciais do conflito, procurando recuperar o sentimento do homem comum cujo quotidiano decorreu em tempos de uma guerra total. Convidamos o leitor a fazer um breve percurso ao longo destas páginas, em que se dá conta das causas do conflito e da sua evolução; do trabalho desenvolvido pelos serviços de espionagem e pelos correspondentes de guerra; dos motivos que impulsionaram as populações implicadas e de como foi financiada e paga a atividade bélica; da criação de uma nova ordem de pós-guerra e como recordamos hoje este acontecimento essencial do nosso passado próximo.

O dia 8 de maio de 1945 foi numa terça-feira e fazia bom tempo na Europa. O primeiro-ministro britânico, Winston Churchill, anunciou oficialmente o fim da guerra com a Alemanha numa mensagem transmitida pela rádio e pela televisão a partir da sede do Governo do Reino Unido. «Podemos entregar-nos a um breve período de regozijo», exclamou, «mas não esqueçamos nem por um momento o trabalho duro e o esforço que temos pela frente.»

O presidente norte-americano, Harry Truman, celebrou a vitória num discurso famoso pronunciado em 26 de junho de 1945 na Conferência de São Francisco:

Na mais devastadora das guerras haveis conseguido uma vitória sobre a própria guerra [...] Na nossa ação decidida repousam as esperanças dos que caíram, dos que vivem agora e dos que ainda não nasceram, de viver algum dia num mundo de países livres, com níveis

de vida apropriadamente elevados, que trabalhem e cooperem no seio de uma comunidade de nações amistosa e civilizada. Esta nova estrutura de paz erige-se sobre fundações sólidas [...]. Não deixemos passar a oportunidade suprema de estabelecer o império mundial da razão, de poder criar uma paz duradoura com a ajuda de Deus.

O dirigente soviético, Josef Estaline, não aceitou a ata de rendição alemã firmada em França e exigiu que o tratado fosse ratificado em Berlim, no dia seguinte, perante o marechal Gueorgui Júkov, representante do Alto-Comando Russo. O Terceiro Reich assinou o seu fim em Berlim, uma cidade convertida numa enorme ruína fumegante, com cadáveres nas ruas e os sobreviventes a vaguear sem rumo. O almirante Donitz, nesse momento à frente da Alemanha, dirigiu-se ao povo para comunicar o fim do Estado nacional-socialista e a submissão do país às forças aliadas de ocupação.

Quanto ao futuro da Alemanha, a meta era a sua reintegração na família dos povos europeus, uma vez superado o ódio.

Após quase seis anos de uma guerra que envolveu 56 países, os Aliados (liderados pelos Estados Unidos, o Reino Unido e a União Soviética) tinham vencido militarmente as potências do Eixo. Depois da morte do presidente italiano, Benito Mussolini, e do suicídio do líder nazi, Adolf Hitler, as forças aliadas concentraram-se no objetivo de derrotar o Japão, que se negava a capitular, apesar do sacrifício de milhares dos seus habitantes. O Exército Norte-Americano preparou-se para invadir o país, mas por fim, com a esperança de acabar com a guerra rapidamente, o presidente Truman ordenou o uso da bomba atômica contra Hiroxima, em 6 de agosto de 1945, e Nagasáqui, três dias depois, no dia 9. Morreram mais de 200 000 civis nos ataques nucleares, mas os especialistas militares afirmaram que as baixas, japonesas e norte-americanas, teriam sido bem maiores se os Aliados tivessem invadido o país.

O Japão rendeu-se. O imperador Hirohito anunciou a derrota pela rádio. Era a primeira vez que muitos japoneses escutavam em direto a voz do líder, que vivia no palácio de Tóquio longe da vista dos cidadãos comuns. Pronunciou algumas breves palavras com voz aguda e vacilante; o tom era sombrio. Em nenhum

momento referiu a palavra «rendição», mas os súbditos entenderam-no perfeitamente e choraram por ele. Às primeiras horas da manhã de domingo, 2 de setembro de 1945, os japoneses assinaram a rendição perante os representantes de nove nações aliadas no navio USS *Missouri*. Na cerimónia, o general norte-americano Douglas MacArthur afirmou que os japoneses e os vencedores não cederiam à desconfiança, à maldade ou ao ódio. «Tanto os vencedores como os vencidos aspiramos a essa elevada dignidade que é o único valor que pode fomentar os objetivos sagrados que servimos.» Terminava a Guerra do Pacífico; acabava a Segunda Guerra Mundial.

No mundo do pós-guerra surgiram duas superpotências, os Estados Unidos e a União Soviética, e embora os diplomatas dos países vitoriosos tivessem preparado uma moldura jurídica para construir a paz, o distanciamento entre os dois grandes foi-se acentuando por motivos essencialmente ideológicos e políticos. Em 1947, a União Soviética reconheceu que o globo estava dividido em dois blocos e acusou os Estados Unidos e os Aliados de planearem uma nova guerra imperialista com o fim de destruir o socialismo e acabar com o Governo comunista. Configurou-se um sistema internacional bipolar em que uma parte do planeta ficou sob a orientação norte-americana e a outra sob a direção dos soviéticos. Washington propôs-se abandonar a política de isolamento continental, assumindo responsabilidades mundiais. De início, o seu objetivo foi assegurar as bases económicas da paz, mas depois, ao ritmo da Guerra Fria, adotou a missão de defender todos os povos que quisessem preservar as instituições e os valores da democracia liberal, projetando a imagem de um país que encarnava a liberdade e ajudava economicamente os países aliados. Esta ideia, denominada «Doutrina Truman», ficou registada num discurso do presidente pronunciado em 12 de março de 1947 perante o Congresso norte-americano:

Um dos objetivos fundamentais da política externa dos Estados Unidos é a criação de condições em que nós e as outras nações possamos forjar um modo de vida livre de constrangimentos. Esta foi uma das causas fundamentais da guerra contra a Alemanha e o Japão. Vencemos países que pretendiam impor a sua vontade e o seu modo

de vida a outras nações. Para garantir o desenvolvimento pacífico de todos, livres de qualquer coação, os Estados Unidos promoveram a fundação da Organização das Nações Unidas, destinada a possibilitar a manutenção da liberdade e da soberania de todos os membros. Contudo, só alcançaremos os objetivos se estivermos dispostos a ajudar os povos livres a proteger as suas instituições e a integridade nacional de movimentos agressivos que procuram impor-lhes regimes totalitários.

Com a proclamação da Doutrina Truman, o arranque de um plano de ajuda económica para a Europa, o Plano Marshall, e o anúncio da União Soviética da Doutrina Jdanov, que reconhecia a divisão do mundo num bloco imperialista e outro anti-imperialista, começava a primeira fase da Guerra Fria, que prosseguiu com o golpe comunista na Checoslováquia, o bloqueio de Berlim em 1948 e a Guerra da Coreia, em que norte-americanos e soviéticos quase chegaram ao confronto militar. Por fim, o conflito foi apenas político, económico e propagandístico porque os crescentes arsenais nucleares impediram uma guerra convencional.

A LUTA NO SÉCULO XX: UMA GUERRA OU DUAS?

O século xx foi para a Europa uma época de conflitos, com duas guerras mundiais, às quais há que somar 40 anos de Guerra Fria. A Segunda Guerra Mundial, que ocupa os anos centrais, marca um antes e um depois. As primeiras décadas do século caracterizaram-se pelo desmoronamento dos antigos impérios europeus; as últimas por uma longa Guerra Fria entre duas potências nucleares. Diversas causas explicam a autodestruição que assolou o Velho Continente na primeira metade do século. Por um lado, assistimos à difusão sem precedentes do nacionalismo étnico ou racial. Por outro, após o *crash* da Bolsa de Nova Iorque em 1929, desencadeou-se uma das maiores crises que o capitalismo conheceu. O triunfo dos bolcheviques em 1917 foi outro elemento decisivo, pois propunham um novo modelo de sociedade não capitalista, baseado na nacionalização dos meios de produção e na «ditadura do proletariado». Contudo, o comunismo soviético

também promoveu a divisão e o enfraquecimento da esquerda europeia. Muitos, como, por exemplo, os membros das antigas elites, a classe média ou os camponeses abastados, sentiam-no como uma ameaça aos seus interesses. Estes acontecimentos deram-se durante o denominado «período de entre guerras» ou imediatamente antes, e condicionaram de forma tão direta a deflagração da Segunda Guerra Mundial, que há quem afirme que se trata da segunda parte da Grande Guerra iniciada em 1914. A ideia é avalizada por testemunhos da época. As pessoas tinham a sensação de que o conflito não terminara.

A Grande Guerra, inicialmente denominada Primeira Guerra Mundial, terminou supostamente após o armistício de 11 de novembro de 1918. No entanto, não houve paz para os habitantes do Leste, Centro e Sudeste da Europa. Piotr Struve, um conhecido intelectual russo, que abandonou o movimento bolchevique e aderiu ao Exército Branco em plena guerra civil, observou: «Após o armistício, tudo o que conhecemos e continuamos a conhecer é uma continuação e uma transformação da guerra mundial.» A violência era ubíqua, pois exércitos de diverso calibre e com diferentes objetivos continuavam a varrer o Centro e o Leste da Europa, estabelecendo governos após intensos derramamentos de sangue. De 1917 a 1920, houve na Europa 27 transferências violentas de poder, muitas acompanhadas de guerras civis, sendo o caso mais extremo o da Rússia, onde a escalada das hostilidades desencadeadas depois do golpe de Estado dos bolcheviques, em outubro de 1917, resultou num conflito fratricida de proporções épicas que custaria mais de três milhões de vidas.

Inclusivamente onde a violência era menos evidente, as pessoas consideravam que o fim da Grande Guerra, longe de ter proporcionado estabilidade, gerara uma situação demasiado volátil – a paz parecia precária, quando não ilusória. Um jornal conservador austríaco, *Innsbrucker Nachrichten*, publicou um editorial em maio de 1919 intitulado «A guerra na paz», referindo que a violência do pós-guerra afetava a Finlândia, os Estados bálticos, Rússia, Ucrânia, Polónia, Áustria, Hungria e Alemanha, sem esquecer a Anatólia e o Cáucaso.

Evidentemente, a situação era pior para os derrotados, os impérios Habsburgo (Áustria e Hungria), Romanov (Rússia),

Hohenzollern (Alemanha) e Otomano (Turquia). À escassez de meios de vida e à violência omnipresente tiveram de acrescentar a «má imprensa» criada pela propaganda pós-guerra. Depois de tudo, a legitimidade dos novos Estados-nação da Europa Central e do Leste exigia a demonização dos impérios dos quais tinham surgido, o que levou à descrição da Primeira Guerra Mundial como uma luta épica entre os aliados democratas e as potências centrais autocráticas; hoje, os historiadores puseram fim a essa «lenda negra». Do que não resta dúvida é de que a Europa do pós-guerra não era um lugar mais estável ou melhor que o de 1914. As guerras civis sobrepunham-se a revoluções, contrarrevoluções e conflitos limítrofes entre Estados emergentes que não possuíam fronteiras bem delimitadas e cujos governos não tinham sido reconhecidos internacionalmente. Morreram mais de quatro milhões de pessoas (um número maior do que o das baixas britânicas, francesas e norte-americanas durante a guerra) nos conflitos europeus armados posteriores à Primeira Guerra Mundial, a que se devem somar os milhões de refugiados do Leste, Centro e Sul da Europa que vagueavam desesperados por entre as ruínas da Europa Ocidental em busca de segurança e de uma vida melhor.

Como bem assinalou o historiador Eric Hobsbawm, a Grande Guerra marcou o início da «era dos extremos» e de décadas de levantamentos violentos. O também historiador George Mosse formulou a «teoria do embrutecimento», segundo a qual, as experiências nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial tinham embrutecido a sociedade ao desencadear níveis de violência novos e sem precedentes que abriram o caminho para os horrores da Segunda Guerra Mundial. Não obstante, a maioria dos veteranos retomou a vida de civil em finais de 1918. Nem todos os que combateram na Grande Guerra se transformaram em profascistas ou bolcheviques.

Evidentemente, não se pode atribuir tudo o que sucedeu no período de entre guerras à Primeira Guerra Mundial, mas é certo que esta facilitou as revoluções sociais e nacionais que marcariam as agendas políticas e culturais da Europa nas décadas seguintes. É também impressionante que nos conflitos do pós-guerra tenham deixado de se respeitar as exigências do que até

então se considerava uma «guerra honrosa», na qual se fazia a distinção essencial entre combatentes e não combatentes. Como nos antigos territórios imperiais não havia Estados funcionais com exércitos, foram as milícias de diversas tendências que assumiram esse papel, o que esbateu terrivelmente os limites entre amigos e inimigos, combatentes e civis.

À margem do muito ou pouco que as experiências de guerra tenham marcado os combatentes, os tratados e acordos internacionais que puseram fim aos combates não contribuíram para gerar estabilidade. Os Tratados de Paris permitiram a fundação de novos Estados como Polónia, Jugoslávia ou Checoslováquia em nome da paz, mas embora a Europa tenha gozado de alguns anos de estabilidade de 1924 a 1929, os problemas não solucionados ganhariam nova virulência após a grande depressão económica de 1929.

Em *Mein Kampf*, o livro de Adolf Hitler, o ditador narra como acordou num hospital militar da cidade prussiana de Pasewalk, depois de ter inalado gás venenoso nas últimas semanas da Primeira Guerra Mundial. Sentiu que o mundo à volta mudara ao ponto de se tornar irreconhecível. A Armada Imperial Alemã tinha-se rendido, o *Kaiser* abdicara e a pátria de Hitler, a Áustria-Hungria, já não existia. Depois de receber as notícias sobre a derrota militar, «meti-me na cama, afundei a cabeça febril na almofada e na colcha. Não voltara a chorar desde que o fiz perante a campa da minha mãe. Não podia fazer outra coisa». A humilhação de 1918 marcaria para Hitler, como para muitos alemães, o resto da sua vida. Nas últimas ordens que o *Führer* deu em abril de 1945 a partir do búnquer da Chancelaria de Berlim, onde se refugiara, insistia que 1918 não se repetiria: não haveria capitulação. A Alemanha inteira arderia com toda a população, mas não bateria em retirada nem se renderia.

Diversos oficiais narram nas suas memórias o que significou o regresso a casa em 1918, onde encontraram um mundo hostil, repleto de revoltas, em que se tornara obsoleto o que até há bem pouco tempo era inquestionável: normas, valores, hierarquias sociais, instituições e autoridades. Como bem assinala o autor judeu Joseph Roth no seu famoso romance de 1923, *A Teia de Aranha*, muitos dos oficiais desmobilizados das potências centrais

organizaram-se politicamente contra a ordem instaurada no pós-guerra tentando prosseguir a guerra por outros meios.

A Grande Guerra destróçou os circuitos económicos mundiais, debilitando perigosamente as maiores economias europeias, como Grã-Bretanha, França e Alemanha, e a velha diplomacia de alianças militares e tratados secretos caiu em descrédito. O presidente americano Thomas Woodrow Wilson quis impor o liberalismo, e Lenine, líder dos bolcheviques, empenhou-se em instituir o comunismo, mas ambos consideravam que a necessária uniformização ideológica de todos os Estados era a única via possível para a paz universal. A Europa enfrentou uma grande crise de legitimidade política e o questionamento das democracias como sistemas políticos viáveis. Nos diferentes centros de poder começaram a identificar-se inimigos diabólicos, de classe ou raciais, com que era preciso acabar quanto antes.

Se a Primeira Guerra Mundial tinha destróçado a ordem antiga, a Segunda foi uma rutura com a civilização tal como então era entendida. A Grande Guerra foi a catástrofe primordial que acabou com os regimes políticos e as economias, causando feridas que determinariam a mentalidade política do homem médio no período entre guerras. Os incríveis custos económicos, sociais e políticos dos quatro anos de carnificinas prepararam o terreno para o conflito seguinte, que a cada ano que passava mais inevitável parecia, como prova o facto de as grandes potências se terem rapidamente rearmado.

Tenha sido uma guerra ou duas, os conflitos armados terminaram em 1945. Desde então foram escritos livros sobre determinados aspetos da conflagração ou a guerra no conjunto. Sob o lema «Que nunca se repita», analisámos, descrevemos e narrámos os episódios do segundo confronto a partir de muitos pontos de vista. A Segunda Guerra Mundial tem um enorme significado no mundo atual, porque dela nasceram muitos movimentos, instituições e formas de entender as relações entre os povos e os Estados, que hoje damos por garantidas e moldam a nossa visão do mundo, que continua a ser, em grande medida, a dos vencedores.